

ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO AMBIENTE ESCOLAR

Samara Pacheco Silva Barbosa ¹
Giseli Dalla Nora ²

RESUMO

O presente trabalho propõe a reflexão da importância da conscientização sobre a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista por toda comunidade escolar e de estratégias a serem desenvolvidas no ambiente escolar para esta inclusão. Este tema faz parte da dissertação de mestrado intitulada como “Ensino de Geografia para alunos com autismo”, a qual surge através da necessidade de que o educador entenda como funciona seu aluno com autismo e da identificação de possibilidades mais viáveis para a inclusão escolar e aprendizagem desse aluno. Com embasamento teórico de pesquisas bibliográfica e documental, a partir de estudos de leis e de autores voltados ao Transtorno do Espectro Autista, bem como a análise dos dados coletados e considerações, proporcionou-se a abordagem de algumas práticas a serem desenvolvidas no ambiente escolar para que o professor promova a inclusão e bem estar do aluno com autismo na escola, proporcionando condições adequadas para seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Transtorno do Espectro Autista; Aluno com autismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas estratégias para a inclusão do aluno com autismo no ambiente escolar e é parte da dissertação de mestrado intitulado como Ensino de Geografia para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O tema proposto surge da necessidade de que o educador entenda como funciona seu aluno com autismo e da reflexão sobre possibilidades mais viáveis para a inclusão escolar e aprendizagem desse aluno. A partir das considerações sobre a análise dos estudos das leis e dos autores voltados ao TEA, este trabalho aborda, de maneira simples, estratégias para que o professor promova a inclusão e bem estar do aluno com autismo na escola, proporcionando condições adequadas para seu processo de aprendizagem.

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, samara.pacheco2016@gmail.com

² Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, giseli.nora@gmail.com

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa utilizou-se da técnica de coleta de dados em pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. De acordo com Marconi e Lakatos (2002), a pesquisa bibliográfica é uma síntese dos trabalhos já realizados sobre o tema específico, revestidos de importância, pois são capazes de fornecer dados relevantes para o pesquisador.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51)

Portanto, este trabalho baseou-se em artigos científicos, dissertações e livros de autores que tratam das características comportamentais do TEA. A pesquisa documental envolve o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e as Leis que descrevem e orientam à inclusão e direitos da pessoa com autismo.

A técnica de análise dos dados é a análise de conteúdo. “A análise de conteúdo trata de trazer à tona o que está em segundo plano na mensagem que se estuda, buscando outros significados intrínsecos na mensagem”. (OLIVEIRA, 2011, p. 46)

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise. (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 168)

A análise, interpretação e descrição das informações e dados coletados constitui um momento muito importante de todo o trajeto de pesquisa, pois, é nessa fase que o pesquisador encontra as respostas pretendidas. (SANTOS; MOLINA; DIAS, 2007, p. 155)

Tais procedimentos metodológicos propiciaram reflexões acerca de possíveis respostas às indagações sobre o tema abordado, contribuindo para a identificação de estratégias no desenvolvimento de um trabalho docente pautado na inclusão e aprendizagem do aluno com autismo no ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Faz-se necessário a todo profissional da educação conhecer aspectos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois, entender como o aluno com autismo funciona contribui na identificação de recursos mais viáveis a serem utilizados no processo de inclusão e de aprendizagem desse aluno no ambiente escolar de ensino regular.

Para Shaw e Oliveira (2022) o maior problema da inclusão do aluno com autismo está na necessidade de os professores estarem preparados para recebê-lo, e não na impossibilidade de manter o aluno autista na escola regular. Portanto, é preciso conhecer o universo autístico, para então falar de ensino inclusivo para pessoas com autismo.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), também conhecido como DSM-5, caracteriza o Transtorno do Espectro Autista como déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos. Os critérios para diagnosticar o autismo referem-se ao quadro comportamental composto basicamente de três manifestações descritas no DSM-5, sendo eles:

Interação social - Comprometimento qualitativo da interação social; dificuldade em manter o contato visual, reconhecer expressões faciais, expressar emoções e fazer amigos.

Comunicação - Comprometimento qualitativo da comunicação; uso repetitivo da linguagem e bloqueios para começar ou manter um diálogo.

Comportamento - Padrões restritos e repetitivos de comportamento; apego excessivo a rotinas, interesse intenso em coisas específicas e dificuldades de imaginação; na parte sensorial, aversão ao toque ou necessidade extrema de contato, incômodos com luzes e sons.

De acordo com Gaiato e Teixeira (2018), os principais comportamentos do aluno com autismo no ambiente escolar são: Evita contato visual com a professora; Parece ignorar os comandos individuais e coletivos; Tenta pegar o que quer sozinho; Parece não compreender o contexto como os outros alunos; Faz movimentos repetitivos com as mãos ou com os objetos; Não utiliza gestos para se comunicar; Não se interessa por jogos ou brincadeiras em grupo; Tem crises de raiva com pequenas mudanças na rotina; Apresenta resistência a aprender ou a realizar atividades; Não pede ajuda; Não dá “tchau”. Portanto, conhecer o diagnóstico do aluno com autismo e suas características comportamentais contribuirá para que o professor encontre estratégias mais viáveis para a interação com e ensino deste aluno.



A Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, considera a pessoa com autismo pessoa com deficiência e possuidora de todos seus direitos legais.

Sendo assim, faz-se necessário conhecer também a Lei nº 13.146/2015 que institui a inclusão da pessoa com deficiência, onde, em seu art. 27 aborda:

educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único: É dever do Estado, da família, da comunidade e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (BRASIL, 2015)

O papel do educador, frente à inclusão escolar, pode ser muito bem refletido de acordo com a explanação de Mantoan (2003):

Todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo de fora delas e que os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar, progredir, evoluir em nossos empreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas, os “especializados” e, assim, não recai sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais. (MANTOAN, 2003, p. 18)

A inclusão escolar é uma tarefa desafiadora e diária. Trata-se da inserção de estudantes com necessidades especiais em sala de aula regular, juntamente com estudantes sem necessidades especiais. É um processo de reforma sistêmica, que envolve a adequação de métodos de ensino e abordagens, para proporcionar um ambiente de aprendizagem igualitário e participativo para todos os alunos. Inserir estudantes em salas de aula regulares sem essa transformação não é inclusão. (ALLANA, 2016)

Apesar de que muitos pais e professores receiam-se da inclusão prejudicar a aprendizagem dos alunos sem deficiência, na verdade incluir estudantes com deficiência em aulas de educação regular, além de não prejudicar os alunos sem deficiência, proporciona



benefícios acadêmicos, sociais e do desenvolvimento socioemocional, fazendo-os mais receptivos às diferenças e com opiniões menos preconceituosas. (ALANA, 2016)

Mantoan (2003) afirma que a consciência dos educadores contribuirá numa escola que atenda à expectativa de seus alunos, preparando-os para o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças no ambiente escolar, serão uma geração de adultos diferentes e melhores, os quais não precisarão tanto empenho para entender e viver a experiência da inclusão.

Sendo assim, ensinar os alunos sem deficiência, de forma lúdica e didática, acerca do funcionamento daquele coleguinha com autismo, bem como seus direitos, para que eles possam aprender a respeitar e conviver com as diferenças também é uma boa estratégia para o início de uma efetiva inclusão escolar.

A partir de tais reflexões, este trabalho aborda possibilidades de práticas a serem desenvolvidas no ambiente escolar, as quais nortearão o movimento de inclusão escolar do aluno com TEA pelo professor e por toda comunidade escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O dia 2 de abril é comemorado o Dia Nacional de Conscientização sobre o Autismo, de acordo com a Lei de nº 13.652/2018. Pensando nisso, e sabendo-se que as escolas geralmente desenvolvem atividades em datas comemorativas ao longo do ano letivo, uma boa estratégia para difundir o conhecimento e respeito em relação ao TEA é também inserir no planejamento anual de ensino a data 2 de abril como uma data comemorativa da conscientização do autismo na escola, para que possam ser desenvolvidas atividades voltadas ao referido tema com palestras, cartazes, literatura, filmes, entre outros, objetivando momentos de aprendizado e valorização da pessoa com autismo por toda comunidade escolar. As quais também podem ser desenvolvidas a qualquer momento do ano letivo, de acordo com a organização da escola, ou necessidade da conscientização da comunidade escolar em relação ao Transtorno do espectro Autista.

Em Mato Grosso, a Lei nº 10.873/2019 que dispõe sobre o dever de inserção do símbolo mundial da conscientização do TEA nas placas de atendimento prioritário, estabelece em seu Art. 1º que “os estabelecimentos públicos e privados que disponibilizam atendimento prioritário, bem como reservas de vagas em estacionamentos, devem inserir nas placas que

sinalizam esse tipo de serviço a “fita quebra-cabeças”, símbolo mundial da conscientização do transtorno do espectro autista.” (MATO GROSSO, 2019)

Imagem 1 – Fita quebra-cabeça, símbolo do TEA



Fonte: wikipediacopy

Outra possibilidade de promover a conscientização do TEA no ambiente escolar é a proposta de construção, através de desenhos, impressões ou pintura, da fita quebra-cabeças pelos próprios alunos, para que sejam distribuídas pelos ambientes da escola, permitindo o reconhecimento do símbolo do autismo e a identificação do atendimento preferencial ao aluno com TEA na fila do refeitório, biblioteca, secretaria, direção, coordenação e banheiros.

De acordo com Kwant (2016), pessoas com autismo são altamente sensíveis e não conseguem filtrar as informações que entram em seus cérebros. A falta de contato visual, por exemplo, ocorre para que possam ouvir melhor. Nem sempre a pessoa com autismo sabe discernir e selecionar os muitos estímulos que chegam simultaneamente, fazendo-a sentir-se perturbada, o que acaba provocando comportamentos inadequados.

O monofuncionamento no autismo é a experiência de sentir um sentido de cada vez. A maioria dos indivíduos com autismo sentem-se perturbados ao receberem muitos estímulos simultaneamente, por isso é importante que o educador evite oferecer muitos estímulos ao aluno com autismo, o mais adequado, por exemplo, é apresentar o estímulo visual antes da verbalização para uma ação requerida do autista. (KWANT, 2016)

Pensou-se na utilização do Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), em inglês, *Picture Exchange Communication System*, como um recurso metodológico possível como estratégia para a comunicação, socialização e aprendizado do aluno com TEA.

O PECS é um sistema de comunicação por troca de figuras, baseado em princípios comportamentais básicos, no qual a criança aprende a requisitar objetos ou atividades de



interesse por meio da troca de figuras, com intuito de interações comunicativas das crianças com autismo. (LUZ; BRANCO, 2021)

Portanto, disponibilizar um ambiente no qual o aluno com autismo sintá-se respeitado, acolhido e seguro, experienciando um sentido de cada vez, contribui para o seu bem estar e para as condições favoráveis de comunicação e aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar da pessoa com autismo é um tema relevante e atual. O professor deve conhecer os aspectos do TEA e ter autonomia no desenvolvimento de atividades lúdicas visando a conscientização da comunidade escolar para a inclusão, proporcionando assim condições de bem estar e possibilidades de aprendizado do aluno com TEA.

Ao contribuir no processo de aprendizagem sobre a importância da inclusão entre todos os alunos, através do respeito e cuidado, o educador auxiliará também na conscientização de suas famílias, as quais, em muitos casos, desconhecem as características da pessoa com TEA e os direitos da mesma.

A possibilidade do uso do PECS como um recurso a ser aplicado no processo de comunicação e de ensino do aluno com autismo, mostra-se uma estratégia capaz de incluir o aluno com autismo em sala de aula, contribuindo em seu aprendizado e fazendo-o sentir-se parte do conjunto que forma a escola.

Conviver com um colega/aluno com autismo é uma boa oportunidade para refletir sobre a natureza humana e sobre o próprio comportamento. Portanto, o conhecimento a respeito das características do Transtorno do Espectro Autista e as possibilidades de proporcionar bem estar e aprendizado à pessoa com autismo deve fazer parte da sociedade, iniciando-se no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL. *Lei nº 13652, de 13 de abril de 2018*. Institui o Dia Nacional de Conscientização sobre o Autismo.



BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

GAIATO, Mayra. TEIXEIRA, Gustavo. *Reizinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis*. – São Paulo: nVersos, 2018.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO ALANA. *Os benefícios da educação inclusiva para estudantes com e sem deficiência*. Em parceria com *Abt associates*, 2016. Disponível em: www.alana.org.br. Acesso em: 05 abr 2022

KWANT, Fátima de. *Autismo e o processamento sensorial – os cinco sentidos a mais*. Autimates, 2016. Disponível em: <http://www.autimates.com/autismo-e-o-processamentosensorial-os-cinco-sentidos-mais/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

LUZ, Francisca Wérica Teixeira; BRANCO, Aracy Teresa Castelo. A contribuição da comunicação alternativa PECS – (método por troca de figuras) na comunicação funcional de crianças autistas. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, e33210111798, 2021 (CC BY 4.0). ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11798>

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATO GROSSO. *Lei nº 10.873, de 25 de abril de 2019*. Dispõe sobre o dever de inserção do símbolo mundial da conscientização do transtorno do espectro autista nas placas de atendimento prioritário no âmbito do Estado de Mato Grosso.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: UFG, 2011

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. *Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos*. Curitiba: IPBEX, 2007.

SHAW, Gisele Soares Lemos; OLIVEIRA, Letícia Maria. Oficinas interdisciplinares remotas: o ensino de ciências para pessoas com Transtorno do Espectro Autista e a busca pela inclusão. *Revista Contexto & Educação*, v. 37, n. 116, p. 164-182, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.116.12427>. Acesso em: 26 mar. 2022.